APRESENTAÇÃO

Os artigos que compõem este número da Revista *ContraPonto* revelam, como traço comum, os itinerários percorridos pela escrita literária rumo a possíveis identidades.

Esse tipo de escrita parece ser bastante familiar ao leitor brasileiro, uma vez que a questão da busca de uma identidade nacional tem pautado nossa literatura desde os seus primórdios. Porém, a ausência de respostas definitivas para tais questionamentos vem suscitando, até os dias atuais, diferentes exemplos de reflexões críticas sobre o assunto – como pode ser visto em Antônio Cândido, Silviano Santiago, Roberto Schwarz, Nicolau Sevcenko e outros. Os leitores que se instigam pelas complexidades da identidade brasileira certamente apreciarão a leitura dos aspectos históricos, simbólicos e culturais afro-baianos que estruturam a narrativa de **Bembé**, do escritor e antropólogo baiano Ordep Serra, no artigo “De outras experiências de Brasil – considerações em torno da novela **Bembé**, de Ordep Serra”, de autoria de Antônio Carlos Sobrinho. Em seguida, as facetas identitárias do Brasil colonial e escravocrata ganham vozes e cores diferentes nos Sermões do Rosário, através da oratória sacra do Padre Antônio Vieira, conforme mostra Felipe Lima em seu artigo “Discurso pintado, pintura falada: as cores da oratória do *Theatrum Sacrum* vieiriano”.

Com efeito, a temática identitária se estende para além de nossa vasta territorialidade e abarca outros continentes. Ao propor o conceito de nação como ‘comunidade imaginada’, por exemplo, Benedict Anderson dá voz ao indivíduo que busca alcançar e falar em nome de uma comunidade, o que frequentemente se contrapõe com a ideia de coletividade, uma vez que se está diante de um olhar individual e imaginado. É o que parece revelar o romance **As mulheres do meu pai**, do escritor angolano José Eduardo Agualusa, tendo como eixo de análise o processo de retomada da identidade cultural em Angola no período pós-independência, de acordo com Tiago Goulart Collares em “Colonialismo, pós-colonialismo e identidade em **As mulheres do meu pai**”.

Entretanto, gostaria de convidar os leitores para que refletissem não apenas sobre os muitos Brasis e as diversas Áfricas que permeiam os artigos desta presente edição. Permitam-se encantar igualmente pela escrita de ‘eus’ que adentram territórios inexplorados e sem demarcações, ultrapassando fronteiras pessoais e imaginárias. Por exemplo, no caso do artigo “Silviano Santiago: memórias e histórias de um falso mentiroso”, de José Luiz Matias, acerca do romance **Uma história de família** (1992), de Silviano Santiago, visto como crítico e escritor de ficção, na perspectiva do ficcionista autointitulado de ‘falso mentiroso’. Essa mesma figura do crítico é revista através de um olhar contemporâneo no romance **Talk show**, de Arnaldo Bloch, que opta pelo formato de autoficção como uma das possibilidades de apresentar uma opinião acerca da crítica. É o que argumenta Jamille Assis, em seu artigo “Considerações sobre um crítico severo no livro **Talk show**, de Arnaldo Bloch”. Mais adiante, no artigo intitulado “Mistérios e revelações em **Fronteira e Inácio**”, Danielle Rodrigues se propõe a investigar e desvendar mistérios da narrativa numa análise comparativa dos romances respectivos de Cornélio Penna e de Lúcio Cardoso. Por fim, Paula Daniela Ferraro aponta, em “A ciência predatória: efeitos sobre os narradores de **A lua vem da Ásia** e **Diário do hospício**” os caminhos pelos quais os

narradores, através dos relatos transcritos nos seus diários, buscam ressignificar suas identidades fragmentadas após terem que enfrentar distúrbios mentais.

As maneiras como a escrita literária pode vir a contribuir para conferir identidade ao sujeito contemporâneo, com efeito, tem atraído cada vez mais o leitor moderno para o estudo da escrita biográfica, seja através de relatos (auto)biográficos, cartas, diários, memoriais e, de forma especial, através do gênero híbrido que Max Saunders nomeia como ‘ficção autobiográfica’, onde *res facta* e *res ficta* se intercalam e complementam. É a escrita do eu, esse perpétuo tecer e destecer de si, que pauta os estudos literários atuais e se aventura a explorar as fronteiras complexas da identidade do sujeito, assim como os países imaginários de sua geografia desconhecida – por essa razão, sempre digna de inquietação e fascínio.

Denise Borille de Abreu
Editora-Chefe da Revista *ContraPonto*